



New challenges for the tourism environment, heritage and companies

ISSN: 2183-0800

www.isce-turismo.com

Volume 10 | Número 1 | Março 2018

Volume 10 | Number 1 | March 2018

Volumen 10 | Número 1 | Marzo 2018

Patrocinadores:



PATRIMÓNIO CULTURAL NO VALE DO ALVA: GRANDE ROTA DO ALVA

106

Manuel Salgado

Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

Elsa Ramos

Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

José Alexandre Martins

Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

Salgado, M., Ramos, E. & Martins, J. A. (2018). Património cultural no Vale do Alva: Grande Rota do Alva. *Tourism and Hospitality International Journal*, 10(1), 106-125.

Resumo

O interesse de interpretar o valor do património para o turismo e o lazer é a principal motivação para investigar os recursos associados à região do rio Alva. Contata-se que existem importantes recursos patrimoniais, correspondentes à sua antiga ocupação humana. Este rio situa-se na encosta sudoeste da mais alta cordilheira em Portugal Continental no Parque Natural da Serra da Estrela, estendendo-se desde o município de Seia ao de Penacova. Neste trabalho reconhece-se que o turismo cultural deve ser complementar ao de natureza como produtos âncora para o desenvolvimento regional, particularmente pelo potencial dos percursos pedestres e também pelo interesse de diversas outras atividades associadas ao rio. É necessário começar com um rigoroso inventário dos recursos para entender o seu potencial, uma etapa essencial para a definição do potencial de produtos turísticos. Esta metodologia é baseada no trabalho de campo para poder determinar o potencial deste destino turístico e desenvolver a imagem desta região, a qual se propõe designar Alvaland para efeitos de promoção internacional. É importante agregar a oferta turística nos municípios deste território, nomeadamente com o estabelecimento da Grande Rota do Alva (GRA), um projeto que é desenvolvido em parceria entre os municípios. A metodologia de campo baseia-se no diagnóstico das rotas pedestres existentes e da análise da sua viabilidade para contribuir para uma melhor integração dessas rotas, com vista a ser um vetor económico sub-regional. Este inventário e a estratégia de agregação pode contribuir para o desenvolvimento do pedestrianismo, associando recursos naturais e culturais.

Palavras-chave

Sustentabilidade, Desenvolvimento turístico, Produtos turísticos, Turismo de natureza, Recursos culturais, Pedestrianismo

Abstract

The interest of interpreting the value of heritage to tourism and leisure is the main motivation to research about the resources associated to the Alva river region. There are important heritage resources, corresponding to their ancient human occupation. The Alva river is located on the southwest slope of the highest mountain range in Continental Portugal in the Natural Park of the Serra da Estrela, extending from the Seia to the Penacova municipality. In this paper we recognize that cultural tourism should be complementary to nature tourism as anchor products for regional development, particularly by the hiking routes potential and also by the interest of diverse river associated activities. It is necessary to begin with a rigorous inventory of the resources to understand their potential, an essential step for the definition of tourism products' meaning. With this methodology based in field work, we can determine the prospective of this tourism destination and develop the tourist image of this region, which we would like to name Alvaland for international plans. It's important to aggregate the tourism offer in the municipalities of this territory, namely with the establishment of the Alva Great Route (AGR), a project that will be develop in partnership between municipalities. The field methodology is based in the diagnostic of the existing walking routes and their feasibility to contribute to a better integration of these routes, in a sub-regional economic driver. This inventory and aggregation strategy could contribute to the development of hiking products, linking natural and cultural resources.

Keywords

Sustainability, Tourism development, Tourism products, Nature tourism, Cultural resources, Hiking

Introdução

O património cultural existente numa área de destino assume cada vez maior importância para o desenvolvimento do turismo e do lazer. Pode tratar-se da principal motivação de viagem no caso de produtos de turismo cultural, mas também pode ser secundária, pelo que se pretende compreender o interesse e o papel dos recursos culturais associados à região do vale do Alva, em particular os situados mais próximos do curso do rio Alva. Os importantes recursos patrimoniais existentes, principalmente associados a monumentos patrimoniais e culturais, podem acrescentar valor aos recursos naturais e paisagísticos inigualáveis deste vale majestoso com vista a equacionar o modelo do projeto da GRA, que pretende ser determinante no desenvolvimento sustentável desta região.

O enquadramento geográfico do território em apreço inclui 6 concelhos percorridos pelo rio Alva, desde a ribeira da Fervença, em plena encosta sudoeste do Parque Natural da Serra da Estrela, que se estende desde a aldeia do Sabugueiro (a mais alta Aldeia de Montanha), no concelho de Seia, até Porto da Raiva no concelho de Penacova, onde desagua no rio Mondego. Este rio possui uma extensão aproximada a 106 quilómetros num vale de beleza natural muito apreciada por visitantes, nomeadamente estrangeiros. Os produtos turísticos a definir como estratégicos numa dada região devem basear-se nas potencialidades dos recursos endógenos. Assim, considera-se, neste estudo, os seguintes objetivos: avaliar a oferta turística do vale do Alva com o principal intuito de promover produtos de excelência a dirigir a nichos de mercado, quer de âmbito nacional quer internacional; proceder a uma inventariação dos principais recursos patrimoniais existentes com vista ao conhecimento do seu potencial turístico e a tornar possível a estruturação deste produto de pedestrianismo; escolher os recursos patrimoniais que podem determinar a vocação e a imagem desta região de destino para o turismo pedestre; promover o desenvolvimento de um produto turístico de excelência (turismo de natureza), que garanta uma dinâmica de rede a nível regional através da conceção e implementação da GRA; e analisar a viabilidade efetiva deste “novo” produto Rotas da Água através do projeto GRA.

A conceção da matriz geral dos recursos turísticos teve por base a análise de diversos modelos de fichas já anteriormente aplicadas à inventariação de recursos turísticos, contudo adapta-se a grelha (tabela 1) a partir do Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Seixal (PEDTS), apesar da sua maior abrangência. Porém, no contexto da metodologia assumida neste estudo revela-se que, para cada concelho e respetivas freguesias da região do vale do Alva, se procedeu a uma inventariação do património cultural, que permitiu a criação de uma base de dados no âmbito do património industrial e do construído da região, com o intuito de permitir a elaboração de roteiros histórico-culturais e, sobretudo, equacionar o interesse de inclusão destes recursos na GRA. Neste estudo realizou-se a matriz (tabela 2) dos recursos do património cultural, sobretudo para relevar a arquitetura industrial (centrais hidroelétricas e edifícios fabris), a arquitetura

civil de equipamento (fontanários, estradas e pontes) e, ainda, a arquitetura popular (moinhos, lagares, fornos comunitários, edifícios e conjuntos habitacionais). Após a listagem dos monumentos segue-se a elaboração de fichas de inventariação do património cultural, com elementos-chave para a descrição dos mesmos. As fases seguintes foram o reconhecimento e registo dos monumentos *in loco*, para a sua posterior descrição e análise.

De facto, acredita-se que a criação de roteiros permite tornar a região mais atrativa em termos turísticos, como também promove o surgimento de projetos que promovem a maior permanência dos turistas através do aumento da oferta turística de retenção ou fixação.

O conhecimento do património histórico e cultural, em conjugação com outros elementos naturais de idêntica importância, permite apostar num turismo sustentável e responsável e, assim, ajudar a formar turistas exigentes, informados e com a vontade de conhecer esta interessante região.

A análise do património cultural do vale do Alva baseia-se numa grelha simples de inventariação com as três tipologias dos monumentos catalogados, que se encontram estruturados por secções correspondentes às freguesias por concelho. Em cada parte, apresenta-se uma breve descrição da freguesia e, em seguida, a respetiva classificação e caracterização dos monumentos catalogados. No final apresenta-se uma síntese pictórica de todas as tipologias de monumentos inventariados no vale do Alva.

Acredita-se que o modelo de desenvolvimento turístico sustentável em áreas rurais exige às organizações existentes que partilhem objetivos, atividades e recursos, de forma a conseguir o máximo proveito com o mínimo de custo e esforço.

O pressuposto do valor e da necessidade da GRA para a região também é assente numa ideia nascida no seio da Associação Amigos da Serra da Estrela, que tornou realidade a Grande Rota do Zêzere (GRZ), que constitui uma boa prática, só possível através do trabalho conjunto de um consórcio liderado pela Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR), em parceria com todos os Municípios por onde o rio passa. Neste caso aposta-se no papel da Associação de Desenvolvimento Integrado das Aldeias de Montanha (ADIRAM) para liderar este processo de estruturação da GRA, que merece ser um projeto turístico a implementar no terreno, pelo que se está atento à realidade do que vier a ser executado e à sua real sustentabilidade.

A estrutura deste artigo apoia-se na discussão inicial sobre a temática do desenvolvimento turístico sustentável e da função que o património cultural pode desempenhar nesse desenvolvimento integrado regional. Na segunda parte faz-se o enquadramento geográfico e caracteriza-se o património cultural do vale do Alva para se conhecer os recursos principais deste destino turístico com o intuito de considerar a sua eventual inclusão nas Rotas da Água, que podem estruturar a GRA. Na terceira secção apresenta-se e discute-se sobre a natureza das opções metodológicas assumidas nesta pesquisa. Por fim, na quarta secção analisa-se e organiza-se os dados recolhidos relativos ao património cultural na região do vale do Alva e, conseqüentemente, discute-se e

evidencia-se a oportunidade de promover o pedestrianismo como estratégia de valorização deste produto regional a nível dos mercados interno e internacional.

Desenvolvimento Turístico Sustentável e o Património Cultural

A Organização Mundial do Turismo (OMT) vem apelando a práticas mais sustentáveis no turismo, tendo elegido mesmo o ano de 2017 como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. Pretende-se, sobretudo, satisfazer as necessidades presentes, mas também as das gerações futuras, garantindo a proteção do meio ambiente, do património cultural e, simultaneamente, estimulando o desenvolvimento da atividade económica em consonância com os interesses das comunidades locais.

O turismo e o lazer assumem uma importância crescente ao nível da sua relação com os sistemas ambiental, social, económico e cultural, entre outros sistemas com os quais o sistema turístico estabelece interações fundamentais (Cunha & Abrantes, 2013, p.104). Entre os nove sistemas referidos por estes autores, destacam-se os sistemas ambiental e cultural, pois têm vindo a ter uma influência cada vez maior, visto a importância que as atrações, em especial as naturais, históricas e patrimoniais, têm como um elemento determinante da atividade turística. O turismo baseia-se na existência de recursos naturais e culturais e, cada vez mais, o seu conhecimento e gestão são uma base essencial ao desenvolvimento integral do turismo.

Para garantir a sustentabilidade do turismo em espaços rurais será necessária uma análise integrada multissetorial e pluridimensional no território, que vise ajudar nesta reestruturação das economias locais e regionais (Augusto et al., 2010), designadamente através do turismo.

De facto, a observação, a interpretação e a fruição da natureza, associadas ao desenvolvimento de percursos pedestres, constitui-se como atividade flexível e adaptável a diversos segmentos de mercado (Leitão, 2004). Os trilhos pedestres não devem ser padronizados, distinguem-se pelo tipo de traçado, pela implementação física e podem atingir objetivos distintos de acordo com os interesses, necessidades e desejos do segmento de mercado. Queirós (2014, p.108) refere-se a uma estranha economia por se reproduzir “o capital turístico na sua relação com o património e a denominada ‘indústria da cultura’, mas também a reconhecer a extensão da penetração cultural na atividade turística, que pode ser levado a mudanças profundas no paradigma tradicional do turismo”.

No complexo processo de desenvolvimento territorial, a atividade turística dá origem a novas relações, criando novas atividades que resultam de estruturação espacial de serviços e atrações que garantem a produção turística (Cunha & Abrantes, 2013). Falar de turismo é abordar uma complexa teia de relações e conexões que requerem uma visão sistémica onde o território é um elemento central. Sob esta ótica, a análise da atividade turística deve possuir uma abordagem multidimensional.

Neste âmbito, revela-se importante implementar uma inventariação rigorosa dos

recursos endógenos com vista ao seu conhecimento e à estruturação da oferta turística com o intuito de promover produtos de qualidade a nível regional.

A sustentabilidade tornou-se uma das questões mais importantes da reflexão académica, também no âmbito do turismo, desde o final do séc. XX. As consequências sociais e ambientais do desenvolvimento turístico passaram a exigir ter em conta as questões ambientais, sociais e culturais, a par das económicas. Como também a competitividade de destinos turísticos, a nível regional, tem tido uma atenção crescente para garantir o crescimento económico e do emprego, através de estratégias a longo prazo. De facto, deve-se ter uma reflexão crítica à situação atual do turismo a nível das várias regiões, para constatar inúmeras debilidades no modelo de desenvolvimento sustentável do turismo. No seguimento desta reflexão teórica realiza-se a contextualização geográfica da área-destino e uma breve caracterização dos seus recursos de modo a interpretar o interesse de desenvolver produtos de turismo de natureza e cultural.

Caracterização e Património Cultural do Vale do Alva

Este artigo indaga sobre um modelo adequado de gestão sustentável para os recursos naturais e culturais da região do vale do Alva e, nesse âmbito, contribuir para a preservação das características naturais endógenas e a valorização da identidade cultural das suas populações, que podem ajudar na transformação desta área-destino. Os fatores de atração do vale do Alva são caracterizados pela notável diversidade e riqueza inerente aos recursos turísticos existentes, bem como a localização geográfica, pela centralidade e razoáveis acessibilidades, a hospitalidade dos residentes, os preços competitivos e o clima de segurança, são apenas algumas das razões que se apontam para evidenciar o elevado potencial desta região, que se situa da nascente no concelho de Seia, em pleno Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), ao concelho de Penacova, onde o rio Alva conflui no rio Mondego (figura 1).

A crescente procura destas áreas rurais está também associada à evolução e a mudanças consideráveis no turismo, seja pelo lado da procura, seja pelo da oferta, cada vez mais diferenciada. No contexto atual assume-se a exigência da sustentabilidade, conduzindo muitas áreas rurais a serem reconhecidas como áreas protegidas, dado que essas áreas verificam uma crescente importância à medida que a pressão, os riscos e a degradação aumentam a nível do ecossistema natural e cultural, pelo que se postula que o pedestrianismo possui uma função importante na utilização racional destes recursos, contribuindo oportunamente para a promoção da preservação e valorização do património cultural.

A matriz dos recursos turísticos apresentada na tabela 1 revela a diversidade e heterogeneidade de tipologias de recursos que, de facto, permitem interpretar a vocação turística de territórios diversos. Nesta grelha destaca-se o interesse em explorar os recursos enquadrados nos Serviços Culturais da Conta Satélite do Turismo (CST), sobretudo relativos ao património cultural nas vertentes dos recursos industriais e

construídos.

De seguida interessa descrever a matriz dos recursos incluídos no património cultural (tabela 2), nas componentes industrial e construída, que podem ser agrupados em 10 categorias principais. Porém, destaca-se para este estudo o interesse nos recursos da arquitetura industrial (centrais hidroelétricas e edifícios fabris), da arquitetura civil de equipamento (fontanários, estradas e pontes) e, ainda, a arquitetura popular (moinhos, lagares, fornos comunitários, edifícios e conjuntos habitacionais). O conhecimento destes recursos disponíveis em proximidade do rio Alva torna-se fundamental para equacionar a oportunidade da sua inclusão nos itinerários da GRA, quer dada a sua potencial atratividade turística, quer a utilidade para melhorar a experiência dos pedestrianistas.

De seguida é necessário identificar as freguesias ribeirinhas nos concelhos que incluem o rio Alva. Assim, no concelho de Seia seleciona-se 4 freguesias contíguas ao rio Alva: Sabugueiro; União de Freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros; Vila Cova à Coelheira; e Sandomil. Por seu turno, no concelho de Oliveira do Hospital há 5 freguesias vizinhas ao rio Alva: São Gião; União das Freguesias de Penalva de Alva e São Sebastião da Feira; União das Freguesias de Santa Ovaia e Vila Pouca da Beira; Aldeia das Dez; Avô. No concelho de Tábua existem 2 freguesias ribeirinhas ao Alva na vertente direita: União de Freguesias de Pinheiro de Coja e Meda de Mouros, e Mouronho. O concelho de Arganil possui 7 freguesias que envolvem o rio Alva: União de Freguesias de Vila Cova de Alva e Anseriz, União de Freguesias de Côja e Barril de Alva, Secarias, Arganil, Sarzedo, São Martinho da Cortiça e Pombeiro da Beira. Refere-se que o concelho de Vila Nova de Poiares possui também 1 freguesia (Lavegadas) na vertente esquerda do rio Alva, fazendo fronteira com o concelho de Arganil na vertente direita do Alva. No concelho de Penacova existem 3 freguesias na parte jusante do Alva: União de Freguesias de São Pedro de Alva e São Paio do Mondego, União de Freguesias de Friúmes e Paradela da Cortiça (lateral esquerda), União de Freguesias de Oliveira do Mondego e Travanca do Mondego (lateral direita), entre as quais o rio Alva desagua no rio Mondego.

No concelho de Seia têm surgido diversas alternativas culturais que, pelo seu valor e singularidade, merecem ser mencionadas, como exemplos destacam-se o Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE), o Museu do Pão e o Museu Natural da Electricidade, primeira central do aproveitamento hidroelétrico da serra da Estrela através do aproveitamento das águas do rio Alva. Este equipamento surge a partir da centenária Central da Senhora do Desterro, o primeiro aproveitamento hidroelétrico, dos 4 existentes no Rio Alva (2 em Sabugueiro e 1 em Lapa dos Dinheiros), a ser instalado pela Empresa Hidroelétrica da Serra da Estrela, permitindo que a 26 de dezembro de 1909 a energia elétrica chegasse a Seia pela primeira vez, fazendo com que Seia fosse das primeiras localidades do país a ser iluminada a luz elétrica e potenciando, atualmente, o produto turismo industrial (Salgado et al, 2015). Refere-se que nas 4 freguesias deste concelho, contíguas ao rio Alva, se podem destacar alguns elementos patrimoniais (tabela 3) intimamente relacionados com a água, que podem integrar as Rotas da Água.

O turismo e lazer permitem a revalorização de territórios e seus patrimónios, que têm

perdido funções tradicionais, designadamente junto a percursos ribeirinhos. A diversidade de recursos e de atividades potenciadas é importante para a competitividade desta região de destino, na medida em que tem capacidades para se afirmar como um atrativo junto do mercado turístico. Essa competitividade depende das suas identidades e singularidades, designadamente através de um projeto integrador como a GRA, que articule parte da oferta disponível na região.

Metodologia

Os principais objetivos deste estudo, sobre o potencial turístico do destino Alvaland, visam equacionar o desenvolvimento de produtos turísticos estratégicos com vista à afirmação de um modelo de destino sustentável. Porém, os incêndios atrás referidos constituem um enorme constrangimento para o desejado desenvolvimento do turismo sustentável nesta região e, em particular, devido a uma destruição massiva dos recursos naturais, que serviam de base à atratividade para o pedestrianismo e, assim, facilitavam a afirmação do projeto da GRA.

Tendo em consideração o enquadramento teórico e o geográfico, apresentados respetivamente nos pontos anteriores, acredita-se que este produto integrado (GRA) deve ser um dos projetos estratégicos para a Região Centro, pois é fundamental para o ressurgimento das cinzas deste território, que era caracterizado, por muitas pessoas residentes e visitantes, como um paraíso natural.

A estruturação de uma matriz geral de recursos turísticos teve por base a análise de diversos modelos de fichas já anteriormente aplicadas à inventariação de recursos turísticos. Em particular, adapta-se a grelha do PEDTS (tabela 1) que, apesar da sua maior abrangência, utiliza um critério mais integral da CST. O contexto geográfico da pesquisa inclui os 6 concelhos e respetivas freguesias que envolvem o rio Alva. Porém, para este território decide-se proceder apenas à inventariação do património cultural do concelho de Seia, pelo uso do critério de amostragem intencional, dadas as limitações temporais e o carácter exploratório deste trabalho. Esta escolha permitiu a criação de uma base de dados no âmbito do património industrial e do construído nas 4 freguesias deste concelho, com o intuito de permitir a elaboração de roteiros histórico-culturais e, sobretudo, equacionar o interesse de inclusão destes recursos na GRA. Neste estudo executa-se a matriz (tabela 2) dos recursos do património cultural, sobretudo para relevar a arquitetura industrial (centrais hidroelétricas e edifícios fabris), a arquitetura civil de equipamento (fontanários, estradas e pontes) e, ainda, a arquitetura popular (moinhos, lagares, fornos comunitários, edifícios e conjuntos habitacionais). Após a listagem dos monumentos principais (tabela 3) seguir-se-á a elaboração de fichas de inventariação do património cultural, com elementos-chave para a descrição dos mesmos. As fases seguintes serão o reconhecimento e registo dos monumentos *in loco*, para a sua posterior análise e descrição da situação atual.

A existência de recursos abundantes deve sugerir a vocação turística de cada região e,

assim, promover o desenvolvimento de produtos turísticos de excelência, funcionando como verdadeiros dinamizadores das políticas e das estratégias sectoriais do turismo. Por exemplo, o município de Seia tem vindo a apostar estrategicamente no turismo de natureza. Nesse âmbito, o Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE) concretiza inúmeros projetos relevantes com vista à consolidação do posicionamento de Seia e da serra da Estrela como uma referência a nível regional e nacional. Esta reflexão, feita nos dois pontos anteriores, permite estabelecer algumas linhas orientadoras para repensar as metodologias e as ações de desenvolvimento turístico para o vale do Alva. De facto, constata-se que não existe uma estratégia correspondente ao peso do turismo na economia desta região, também por não haver coordenação de interesses da parte de responsáveis de instituições públicas com competências a nível local e regional, pelo menos do ponto de vista institucional. Dada a complexidade do sistema turístico regional e a desarticulação percebida entre os municípios, com este artigo pretende-se contribuir para a discussão sobre a organização da rede entre agentes públicos e privados e, designadamente, assumir o turismo de natureza, complementado com a articulação com o património cultural, como o produto âncora para o território do vale do Alva e, conseqüentemente, assumir o papel essencial da GRA para voltar a dar vida à região e ânimo às suas populações, após os catastróficos incêndios, que comprometem o seu desenvolvimento futuro como destino de turismo de natureza. No terrível cenário de destruição de recursos naturais e patrimoniais, pois a paisagem ficou negra e muitas aldeias tiveram muitas das casas consumidas pelas chamas, é necessário voltar a acreditar num futuro que será, necessariamente, mais exigente e terá de ser mais sustentável. Acredita-se que o desenvolvimento futuro desta região passe pelo turismo sustentável, pelo que dependerá da capacidade de dinamizar a GRA com base no modelo das Rotas da Água numa estratégia a médio e longo prazo.

Património Cultural na Grande Rota do Alva

Este artigo pretende realçar estratégias mais sustentáveis para as regiões rurais e de montanha, nas quais o turismo poderia assumir um papel central no novo modelo de desenvolvimento socioeconómico e ambiental de territórios de interior, como é exemplo o vale do Alva. A definição de um produto turístico âncora pretende ser uma alavanca para o desenvolvimento integrado da região, criando um denominador comum em torno do desenvolvimento e marketing do turismo de natureza, que potenciará uma maior articulação dos esforços dos vários municípios envolvidos, bem como também dos agentes privados, por efeito de imitação. Neste âmbito, o projeto da GRA poderia assumir uma função essencial de renascimento deste destino, podendo assentar numa lógica das rotas da água, por se acreditar que é necessário estruturar a oferta de percursos pedestres já existente num roteiro longitudinal, que acompanhe o mais possível o percurso do rio Alva. Assim, poder-se-ia também beneficiar da beleza do espelho de água e área circundante, que poderia contribuir para recuperar as áreas de aluvião das margens do rio,

bem como das paisagens deslumbrantes que caracterizavam as encostas do vale do Alva. O inventário e a consequente dinamização do património cultural é um trabalho necessário, e mesmo urgente, para viabilizar uma rota turística, que Queirós (2014) refere como indispensável à atividade turística.

Queirós (2014) define rota turística como

um conjunto organizado de circuitos de descoberta e usufruto de todos os patrimónios, com uma identidade própria e única, fundada na ecologia e metafísica da paisagem, acessível a todos os públicos mas com produtos diferenciados segundo os seus segmentos, potenciador da organização e desenvolvimento das cadeias de valor da atividade turística (p.111).

Assim, torna-se importante compreender também o conceito de circuito turístico que, por sua vez, é definido como

um percurso integrador de todos os patrimónios, de curta duração (não deve ser superior a uma jornada/um dia), acessível a todos os públicos mas segmentado, com uma identidade autónoma e inconfundível, organizado na perspetiva de descoberta e usufruto da ecologia da paisagem (num sentido do contributo científico interdisciplinar para a sua leitura) e da metafísica da paisagem (património imaterial, imaginário erudito e popular), e segundo o princípio comunicacional/emocional da ‘montagem de atrações’, capaz de sustentar e desenvolver as cadeias de valor da atividade turística(p.111).

Na realidade pode-se encontrar elementos comuns nos vários circuitos, como por exemplo um curso de água, no nosso caso o rio Alva, mas a soma dos seus tipos de património deverá produzir dialeticamente uma oferta única e identitária. É precisamente neste contexto, segundo Queirós (2014), que

a atividade do turismo se diferencia dos outros domínios científicos, pois a seleção e valoração é determinada pela diferenciação do produto turístico”, porque a sua “construção metodológica consiste na reapropriação, para um novo objeto de estudo, de conceitos tradicionalmente usados noutros domínios científicos (p.111).

Queirós (2014) considera importante a hermenêutica da paisagem cultural na sua aplicação ao estudo do corpus do turismo e da atividade turística, com o intuito de explorar os conceitos de rota e de circuito turísticos, que

baseiam-se na necessidade de utilizar uma metodologia científica inter e pluridisciplinar para organizar e guiar a visita ao território, que permite ler e interpretar as suas paisagens culturais, o património material e imaterial da paisagem humanizada. São as rotas e circuitos, integradas nas paisagens culturais e nos seus destinos turísticos, que geram as principais mais-valias, mas não são as estruturas que organizam essas rotas e circuitos, os museus, monumentos e parques, a

recolher os maiores valores; a renda do turismo é recolhida externamente nas já referidas cadeias de valor (p.116).

Por exemplo Queirós et al. (2008, pp.107-126) apresentam um notável e rico circuito turístico intitulado “Entre o Alva e o Mondego. A descrição do vale do Alva é feita no Roteiro da Serra da Estrela” elaborado por Queirós et al. (2008, pp.81-87), no qual se propõe um percurso pelo Vale do Alva: Vide, São Gião e Sandomil, pois

por detrás de Vide, levanta-se a Serra do Açor, coroada pelo Colcorinho. Dali se pode subir à aldeia histórica do Piódão, um presépio de xisto, passando antes pelos Centros de Interpretação de Chãs d’Égua e de Vide, onde nos afloramentos rochosos das ribeiras de Alvoco e Piódão se encontra um importante núcleo de gravuras rupestres, datadas do Neolítico à Idade do Ferro.

Destaca-se nesta parte do roteiro uma descrição detalhada do património natural e cultural do vale do Alva, que é fundamental conhecer com vista a potenciar a sua valorização para o turismo, recreio e lazer, sobretudo nos concelhos de Seia e de Oliveira do Hospital.

Também a obra Rotas e Percursos da Serra da Estrela (Tavares, 2012) propõe um conjunto de percursos pedestres que conduzem o visitante a observar a diversidade de paisagens e habitats das áreas mais elevadas da serra da Estrela, dos quais se destaca o percurso do Cabeço dos Corvos com uma extensão de 5785 metros de tipo circular e de baixo grau de dificuldade. Este percurso denominado de Alto Alva (Tavares, 2012, pp.60-64) integra um conjunto de percursos de pequena rota que têm como objetivo dar a conhecer a paisagem, geologia, flora e fauna da Mata do Desterro, área florestal que se encontra sob gestão do Município de Seia. O itinerário percorre a cumeada da referida Mata, atravessando uma zona de relevo relativamente suave, a uma altitude superior a 900 metros, coroada pelo marco geodésico do Cabeço dos Corvos (1061 metros de altitude), constituindo o ponto mais elevado da Mata do desterro.

O turismo tem sido principalmente estudado como uma atividade económica, a partir dos seus produtos e das suas empresas. Contudo, vem-se constatando um crescente interesse de quem viaja por conhecer a realidade autêntica dos lugares, seja a natural ou a construída ao longo dos tempos (ou cultural), que determina motivações importantes para as simples caminhadas pelo território. Esta reflexão permite também estabelecer algumas linhas orientadoras para repensar as metodologias e as estratégias de desenvolvimento turístico para o vale do Alva. Dada a complexidade do sistema turístico regional pode-se assumir também a importância do turismo fluvial, sobretudo pela beleza e qualidade das praias fluviais do rio Alva desde o Sabugueiro, descendo até às praias fluviais de Vila Cova à Coelheira, de Sandomil, S. Gião, Avô, Côja, Moinhos de Alva ou do Agroal, entre outras praias.

Importa nesta fase final do artigo relevar os percursos pedestres ativos na região do vale do Alva para compreender a sua vocação e amplitude atuais, sobretudo com o intuito de interpretar sobre a viabilidade e a capacidade instalada para mais facilmente estruturar

a GRA, bem como a rede complementar de percursos nesta região. Assim, pesquisa-se sobre os percursos existentes nos 6 municípios, nas 2 áreas protegidas e nos 3 projetos de turismo de aldeia, porque estas entidades desenvolvem projetos neste âmbito da promoção do pedestrianismo. Segue-se a análise desde a nascente do Alva, ou seja, a partir do concelho de Seia, até desaguar no Mondego no concelho de Penacova. Por exemplo, no concelho de Seia, os passeios pedestres permitem divulgar a riqueza natural e cultural das Aldeias de Montanha e da Serra da Estrela, designadamente através do CISE. A rede de percursos pedestres das Aldeias de Montanha é constituída por 14 rotas, na área do vale do Alva, com cerca de 100 quilómetros, nas localidades de Alvoco da Serra, Cabeça, Lapa dos Dinheiros, Loriga, Sabugueiro, Sazes da Beira, Teixeira, Valezim e Vide. De destacar que estes percursos se situam na única área do vale do Alva que não ardeu nos incêndios florestais de 15 de outubro de 2017, pelo que podem constituir um polo estratégico de conservação da natureza e, ao mesmo tempo, de promoção do turismo e do lazer, que se espera possa permitir a médio prazo um efeito difusor positivo à restante região do vale do Alva.

O diagnóstico da oferta de percursos pedestres na região do vale do Alva, feito em 2016, numa perspetiva mais alargada do território, regista uma extensão total de cerca de 232,1 Kms inventariados. Contudo, numa perspetiva mais circunscrita, considera-se haver 173,2 Kms identificados no vale do Alva. Nos 6 concelhos regista-se 75% dos percursos disponíveis no vale do Alva, realidade que no concelho de Seia e de Arganil representa 100% e no de Oliveira do Hospital cerca de 78%. O contributo de associações de desenvolvimento turístico, designadamente a ADIRAM e a ADXTUR, contribuiu também para esta realidade de percursos homologados, sobretudo nos concelhos de Seia, de Oliveira do Hospital, Arganil e Tábua, respetivamente.

Para além da inventariação dos percursos pedestres homologados e registados, atualmente disponíveis, também interessa referir que existe uma rede complexa de levadas e açudes, que constituem uma parte relevante do património rural associado ao Alva e afluentes, que interessa conhecer e, eventualmente, incluir no projeto da GRA. Constata-se a existência de inúmeras levadas de função agrícola e de fornecimento de água a moinhos, lagares e outras estruturas do setor primário, bem como as levadas de encaminhamento de águas à superfície para o complexo sistema hidroelétrico da Serra da Estrela, instalado no vale do Alva, que se situa em pleno PNSE, ou seja, às indústrias ligadas diretamente à força das águas do rio como também a dos lanifícios e a cerâmica, a par da produção de energia elétrica. Estas indústrias possuem um património único, num contexto particular do vale do Alva, que podem permitir a sua reutilização e refuncionalização para a emergência de um novo produto da região - o turismo industrial (Salgado et al., 2015). Assim, na região mais montanhosa do vale, a GRA pode aproveitar levadas de diversas funções, sobretudo desde a aldeia do Sabugueiro à de Sandomil, por ser extensa a área de levadas agrícolas associadas a cada aldeia e das desenvolvidas para fins industriais, em vários núcleos de centrais hidroelétricas (desde o Sabugueiro até Vila Cova) até aos núcleos bem definidos da indústria de lanifícios, que foram estruturados

em paralelo com o rio, por dele dependerem da abundância de água disponível ao longo do ano que, em parte, resultou do engenho e do sacrifício do homem para viabilizar a industrialização na Serra da Estrela, em particular na região do vale do Alva.

No património de arquitetura civil de equipamento refere-se que as pontes antigas acompanham os rios, mas são ainda um património subestimado. A sua inventariação na bacia hidrográfica do Alva, de montante (Ponte sobre o Rio Alva (N339) no Sabugueiro) para jusante é um estudo deveras interessante. Ainda em plena serra, a ponte medieval da Senhora do Desterro (M513), a ponte de Jugais serve a estrada N231 tendo, por isso, sido alterada, e em Vila Cova à Coelheira pode-se admirar uma bela ponte medieval, bem como a ponte medieval de Sandomil. No concelho de Oliveira do Hospital refere-se a ponte de Penalva do Alva, a ponte medieval em S. Sebastião da Feira, a ponte das Três Entradas na localidade com o mesmo nome, junto da foz da ribeira de Alvoco, que é interessante pelo facto de ser constituída por duas metades, uma sobre o Alva e outra sobre o Alvoco e com a junção da estrada que vem de Alvoco das Várzeas a unir-se a meio das duas, e ainda a ponte de Avô. No curso deste rio, a jusante, há várias pontes dignas de reparo como a de Vila Cova de Alva, Côja e Mucela, entre outras que se pretende detalhar em trabalho seguinte.

Este trabalho pretende, sobretudo, contribuir para a discussão sobre o desenvolvimento sustentado do território, incentivar a criação de emprego e a fixação da população, dinamizar a atividade turística, conservar e valorizar o património rural e reforçar e diversificar a atividade empresarial na região do vale do Alva. Porém, o diagnóstico atual da realidade socioeconómica, ambiental e cultural desta região, coloca várias questões estruturais ao desenvolvimento turístico da região, mas pretende-se continuar a reforçar a oportunidade de desenvolver a GRA para promover Alvaland no mercado turístico. Um dos maiores desafios a curto prazo será garantir as condições e a qualidade de vida mínima de muitos elementos de uma comunidade estrangeira numerosa, amante da natureza desta região e que, no período subsequente aos grandes incêndios, já a abandonou ou está a equacionar fazê-lo.

Conclusões

Deste artigo pode concluir-se sobre a importância crescente do turismo para as regiões rurais e naturais, caracterizadas pela baixa densidade demográfica nos seus territórios, transformando-se num fenómeno estruturante a nível espacial e socioeconómico, suportado na riqueza e variedade de recursos naturais e culturais. Os produtos turísticos a desenvolver podem ser alavancas das políticas e das estratégias sectoriais, sobretudo gerando uma dinâmica de integração ao nível sub-regional, pela desejada articulação de esforços entre os vários municípios, com vista à promoção de um desenvolvimento sustentável e competitivo.

A reflexão em torno do conceito da sustentabilidade em turismo permitiu evidenciar a necessidade de integração dos interesses da população local, dos turistas e da própria

indústria turística, bem como a necessidade de conservação do património natural e cultural no desenvolvimento de uma área-destino como o vale do Alva. O estudo das suas características físicas permite concluir sobre as suas potencialidades para um turismo de natureza sustentável e também acerca dos condicionalismos a ter em conta.

O objetivo da estratégia turística defendida, assente sobretudo no turismo de natureza e no cultural, é o de atrair grupos de turistas para uma experiência relevante ao longo do ano. A estratégia de marketing pode ser diferenciada ao longo das estações do ano, com adaptações específicas para cada um dos segmentos de mercados e produtos turísticos, maximizando, assim, os benefícios para todos os envolvidos. Assim, para o desenvolvimento turístico da região devem ser tidos em conta os segmentos de mercado definidos em conjugação com os recursos disponíveis e produtos potenciados mas, também, em conformidade com os desejos da população local, dos empresários turísticos e do sector público.

Pretende-se dar um contributo útil para estimular todos os intervenientes, principalmente os responsáveis do poder local e regional, em necessária articulação com outros agentes turísticos, para que em conjunto partilhem as responsabilidades e os deveres com vista a atingir um desenvolvimento que seja sustentável e competitivo. Porém, não se deixa de chamar a atenção para o muito que é necessário fazer e, sobretudo, fazer-se de forma rigorosa e científica, também no sector do turismo. Como se constatou existem problemas muito graves num território devastado por incêndios que podem comprometer, em parte, o futuro da região em análise, pelo que o projeto da GRA deverá assumir um plano ambicioso e ser gerido por uma equipa multidisciplinar que supervisione o desenvolvimento desejado.

A realidade do vale do Alva tem de apoiar-se no desenvolvimento sustentado desse território, dos seus importantes recursos naturais e histórico-patrimoniais, na promoção da competitividade através da criação de emprego e da fixação e atração de população mais jovem, permitindo dinamizar a atividade turística e, ao mesmo tempo, diversificar a atividade empresarial na região, devido ao forte efeito multiplicador do turismo na economia regional. Neste contexto, o projeto da GRA poderá ser um investimento fulcral, pela dinamização e articulação dos percursos pedestres existentes nesta região. Como se discute neste artigo, o turismo de natureza e, em particular, o pedestrianismo, conjugado com a valorização do património cultural, poderiam ser o produto estratégico do desenvolvimento desta área-destino, de acordo com algumas das mais importantes tendências verificadas no mercado turístico, designadamente no internacional. Assim, existe um trabalho relevante de estudo do património cultural para promover o desenvolvimento do turismo sustentável.

Referências

- Augusto, D. D., Pinho, J. C., & Rodrigues, C. J. (2010). Análise integrada multisectorial e pluridimensional no território. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 13/14(2), 499-511.
- Cunha, L., & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao turismo* (5ª Edição). Lisboa: Lidel.
- Leitão, M. L. (2004). *Análise do mercado turístico do Parque Natural da Serra da Estrela: Estudo de segmentação e implicações para o planeamento de marketing de áreas-destino* (Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro).
- PEDTS (2005). *Plano estratégico de desenvolvimento do turismo no concelho do Seixal*. Seixal: Universidade de Aveiro e Gabinete de Turismo da Câmara Municipal do Seixal.
- Queirós, A. S., Veloso, A. S., & Ferreira, H. D. (2008). *Património natural e cultural da Serra da Estrela: Roteiro Serra da Estrela*. Liga de Amigos de Conimbriga, s. l.
- Queirós, A. S. (2014). Turismo cultural e economia do património. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 21/22(4), 107-117.
- Salgado, M. A. B., Martins, J. A., & Ramos, E. M. C. V. (2015). Desenvolvimento de “novos” produtos turísticos no vale do Alva: Turismo industrial. *Inovação, gestão e educação em turismo e hotelaria: Investigação aplicada*. Coleção Politécnico da Guarda, 13, 83-91.
- Tavares, A. O. (2012). *Rotas e percursos da Serra da Estrela – Planalto superior*. Seia: CISE.



Figura 1. Região do rio Alva (Fonte: www.google.pt/maps)

Tabela 1

Matriz dos recursos turísticos

Classificação Segundo a CST	Matriz de Recursos Turísticos	Tipo de recurso
Sem classificação específica perante a CST	Património Natural	Rios e Ribeiros Lagoas e Praias Fluviais Açudes e Levadas Áreas de Proteção da Natureza Espaços de Recreio e Lazer Miradouros Manchas florestais
Alojamento	Empreendimentos Turísticos Alojamento Local	-
Restauração e Bebidas	Restaurantes Pubs e Bares Discotecas	-
Operadores Turísticos, Agências de Viagem e Informação Turística	Agências de Viagens Postos de Turismo Sinalética Turística	-
Aluguer de Transportes sem Condutor	Rent-a-Car	-
Serviços Culturais	Património Cultural Equipamentos Eventos	Industrial Construído Flutuante Culturais Recreativos Religiosos Culturais e Recreativos
Serviços Recreativos e Outros de Lazer	Equipamentos Eventos	Desportivos Lazer Culturais e Recreativos Animação Desportivos
Transportes e Infraestruturas	Transportes e Comunicações	Fluviais Rodoviários Ferroviários

Fonte: Adaptado de PEDTS (2005)

Tabela 2

Matriz dos recursos do património cultural

Serviços Culturais	Património Cultural	Industrial Construído	Arquitetura industrial Arquitetura civil de equipamento Arquitetura popular Arquitetura religiosa Arquitetura religiosa/funerária Arquitetura civil residencial Arquitetura civil jurisdicional Arquitetura civil comemorativa Arquitetura civil política e administrativa Arqueologia
---------------------------	----------------------------	------------------------------	--

Tabela 3

Recursos principais do património cultural no concelho de Seia

Tipo de Arquitetura	Sabugueiro	União de Freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros	Vila Cova à Coelheira	Sandomil
Industrial	- Centrais Hidroelétricas do Sabugueiro (I e II)	- Central da Ponte Jugais - Centrais Hidroelétricas do Desterro (I e II)		
Civil de equipamento	- Ponte sobre o Rio Alva (N339) - Fonte do Ferreiro	- Ponte de Jugais (N231) - Ponte medieval da Senhora do Desterro (M513) - Fonte de Santo Antão	- Ponte medieval	- Ponte medieval
Popular	- Forno Comunitário/Museu Etnográfico			